ISSN: 2358-8829

O CARNAVAL COMO TERRITÓRIO DE APRENDIZAGEM: PRÁTICAS DE LETRAMENTO E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA COM CRIANÇAS DO CAJU

Danielle Ribeiro Varella da Silva[1]
Elisiane Vieira dos Santos de Sousa[2]

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma experiência desenvolvida em 2025 na Oficina de Letramento do programa Dois Toques, da Fundação Gol de Letra, no Complexo do Caju, região central do Rio de Janeiro. O programa atende crianças e adolescentes de 6 a 15 anos e articula Esporte e Letramento em uma perspectiva de Educação Integral.

A Fundação Gol de Letra é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que desenvolve ações socioeducativas orientadas pela Educação Integral. Conforme o Centro de Referências em Educação Integral (2023), essa perspectiva considera os sujeitos em suas múltiplas dimensões, intelectual, física, emocional, social e cultural, e se constrói como projeto coletivo, envolvendo crianças, jovens, famílias, educadores, gestores e comunidades. As propostas institucionais valorizam linguagens sensíveis e relacionadas à vida cultural e social para além dos muros escolares (FUNDAÇÃO GOL DE LETRA, 2023).

No programa Dois Toques, as oficinas de Esporte contemplam modalidades como futsal, basquete, voleibol, handebol, capoeira e Muay Thai, além de jogos adaptados, brincadeiras tradicionais e práticas de desenvolvimento físico e psicomotor. A Oficina de Letramento, por sua vez, promove o desenvolvimento da linguagem e de habilidades de leitura, escrita e interpretação de textos, imagens e outras formas de comunicação (FUNDAÇÃO GOL DE LETRA, 2026).

Em 2025, o Carnaval foi escolhido como tema suleador das atividades de letramento. A proposta foi para além de uma festa familiar às crianças: buscou investigar histórias, origens, personagens, manifestações regionais, músicas, danças e disputas de sentido, reconhecendo as crianças como produtoras de cultura, memória e conhecimento. O percurso culminou na produção coletiva do livro “Gol de Letrinhas em Ritmo de Carnaval”, que reuniu pesquisas e criações realizadas ao longo do projeto.

O objetivo deste relato é refletir sobre as possibilidades de articulação entre letramento, Educação Integral e Educação Antirracista a partir de uma experiência pedagógica que tomou o Carnaval como campo de investigação, criação, convivência e encantamento. Parte-se da

ISSN: 2358-8829

compreensão de que aprender a ler e escrever não se limita à decodificação de palavras, pois envolve ler criticamente a realidade, produzir sentidos e participar de sua transformação (FREIRE, 1989). O diálogo com Bell Hooks considera a sala de aula um espaço de emancipação e confronto às estruturas de opressão. Somam-se a essa perspectiva os valores civilizatórios afro-brasileiros sistematizados por Azoilda Loretto da Trindade e o encantamento como tecnologia de mediação, proposto por Kiusam de Oliveira. O texto analisa como essas referências orientaram as práticas e como a produção do livro coletivo tornou visível o percurso vivido pelas crianças.

METODOLOGIA

O percurso teve o Carnaval como eixo articulador e incluiu rodas de conversa, leituras compartilhadas de livros, poemas e outros textos, contação de histórias, pesquisas sobre manifestações carnavalescas e personalidades da cultura brasileira, consultas a fontes digitais, jogos de linguagem e produção de histórias em quadrinhos, poemas, paródias, estandartes e outros registros escritos e visuais. Também foram analisadas letras de marchinhas que reproduziam estereótipos raciais, machistas ou outras formas de violência, estimulando a leitura crítica das mensagens culturais.

A oralidade foi mobilizada como caminho para a produção escrita: as crianças compartilhavam experiências, escutavam os colegas, organizavam ideias e eram convidadas a registrá-las em diferentes gêneros e linguagens. Em algumas propostas, criavam narrativas coletivas, negociando personagens, cenários e acontecimentos; em outras, produziam histórias e registros individuais. As atividades combinaram experiências individuais e coletivas, respeitando diferentes níveis de apropriação da leitura e da escrita e reconhecendo a fala, o desenho, a pesquisa, o movimento e a criação artística como formas de participação.

A análise é qualitativa e interpretativa. Os registros pedagógicos e as produções foram examinados em diálogo com os resultados do instrumento institucional, que permite acompanhar o desempenho das crianças ao longo do ano. A avaliação considera níveis de apropriação da escrita e habilidades de interpretação, além de descritores de uso social da língua escrita. Essa combinação possibilita discutir indícios de aprendizagem e trajetórias observadas, sem atribuir automaticamente ao projeto mudanças que também podem decorrer de outros fatores e experiências das crianças. O engajamento dos educandos nas aulas, principalmente naquelas que incluíam músicas, clipes e fantasias, também foi considerado.

REFERENCIAL TEÓRICO

ISSN: 2358-8829

A concepção de letramento que orienta a experiência compreende leitura e escrita como práticas sociais relacionadas à linguagem, à cultura e à vida cotidiana. Para Freire (1989), a leitura da palavra vincula-se à leitura do mundo; por isso, o processo educativo precisa considerar as experiências, os conhecimentos e as perguntas dos sujeitos. Essa compreensão ultrapassa a decodificação e permite pensar a linguagem como ferramenta para interpretar, comunicar, imaginar e intervir na realidade. Em diálogo com Bell Hooks (2013), a educação como prática da liberdade pressupõe participação, escuta e construção ativa do conhecimento, reconhecendo os estudantes como sujeitos produtores de sentidos.

Essa perspectiva dialoga com a proposta de Educação Integral da Fundação Gol de Letra, que considera as dimensões intelectual, física, emocional, social e cultural da formação humana. Os princípios institucionais de aprender, conviver e multiplicar destacam que a aprendizagem envolve tanto a apropriação de conhecimentos quanto relações de respeito, cooperação e responsabilidade compartilhada. No programa Dois Toques, a articulação entre esporte e letramento reconhece corpo, linguagem, movimento, imaginação e convivência como dimensões interdependentes da experiência educativa.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros sistematizados por Trindade (2005), entre eles ancestralidade, circularidade, oralidade, musicalidade, corporeidade, ludicidade e cooperatividade, orientaram as práticas e as relações pedagógicas. Não foram tratados como conteúdos isolados ou elementos decorativos, mas como princípios que reconhecem matrizes africanas e afro-brasileiras na produção de conhecimento, na memória coletiva e nas formas de estar junto. Esses valores atravessaram as escolhas de repertório e as dinâmicas de escuta, criação e partilha.

A reflexão de Kiusam de Oliveira sobre o encantamento como tecnologia de mediação amplia esse horizonte. A autora compreende a mediação negrorreferenciada como ato político, poético e ancestral, comprometido com a preservação das memórias, o fortalecimento de vínculos comunitários e o direito das crianças de reconhecerem sua história, seu corpo, sua cultura e seus sonhos (OLIVEIRA, 2019). Nessa abordagem, arte e literatura podem ensinar, fortalecer pertencimentos e coletivizar experiências. O encantamento não se opõe à crítica; cria condições afetivas e simbólicas para formular perguntas difíceis e imaginar outras narrativas.

A compreensão do Carnaval como manifestação cultural, histórica e política dialoga com Luiz Antonio Simas, para quem a festa reconstrói o sentido coletivo da vida em contraponto ao isolamento e ao individualismo (SILVA, 2026). Essa perspectiva desloca o olhar do evento festivo para os processos que o tornam possível: memória compartilhada, produção artística, ocupação dos espaços, colaboração e circulação de saberes. Tomar o

ISSN: 2358-8829

Carnaval como território de aprendizagem significou investigar essa expressão cultural e experimentar formas coletivas de produzi-la, analisá-la e reinventá-la.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomar o Carnaval como tema suleador aproximou o letramento das experiências culturais das crianças sem limitar o trabalho ao que já conheciam. As perguntas sobre a festa no território, as histórias ouvidas em família e as manifestações conhecidas reconheceram as vivências cotidianas como fontes legítimas de conhecimento. A pesquisa sobre diferentes carnavais do Brasil ampliou o repertório do grupo e evidenciou a diversidade de histórias, ritmos, personagens e matrizes culturais.

As leituras, os poemas, as narrativas e as pesquisas sobre Tia Ciata, Heitor dos Prazeres, Dona Ivone Lara, Ismael Silva, Chiquinha Gonzaga, Joana Batista, Vovô do Ilê e Dona Santa, destacaram a participação de pessoas negras na produção da cultura carnavalesca brasileira. Ao apresentá-las como artistas e agentes históricos, a proposta buscou enfrentar apagamentos e ampliar as referências com as quais as crianças poderiam se identificar. Encontrar histórias em que se veem representadas pode fortalecer o pertencimento; conhecer outras trajetórias, por sua vez, amplia a imaginação e a compreensão da diversidade.

A leitura e a escrita foram mobilizadas em situações com propósito comunicativo. Após as rodas de conversa, as crianças organizavam ideias e registravam suas opiniões; em outros momentos, criavam personagens e enredos coletivamente, escreviam histórias, produziam quadrinhos, poemas, paródias e estandartes ou registravam informações pesquisadas. A oralidade funcionou como ponte para a escrita, e a dimensão lúdica das propostas favoreceu o envolvimento de crianças que demonstravam resistência a tarefas tradicionais: escrever para inventar, comunicar ou compor algo em grupo tornava mais evidente a função social do texto.

O percurso materializou a compreensão freireana de que a leitura da palavra se relaciona à leitura do mundo. Em vez de apenas memorizar informações sobre o Carnaval, as crianças formularam perguntas, compararam referências, interpretaram mensagens e construíram narrativas. O diálogo com Bell Hooks também apareceu na valorização da participação e da autoria: escutar os colegas, negociar ideias e criar em conjunto permitiu experimentar a aprendizagem como construção compartilhada, sem apagar as expressões individuais.

A educação antirracista foi a base das escolhas de repertório e de abordagem. O percurso privilegiou o encantamento, a produção artístico-intelectual, a beleza estética e a potência da população negra, sem reduzir suas histórias ao sofrimento ou à luta contra o racismo. Conforme Oliveira (2020), em uma perspectiva afrorreferenciada, a aprendizagem acontece com o corpo

ISSN: 2358-8829

inteiro e se expressa em recursos populares como provérbios, músicas, cantigas, brincadeiras e rodas. A reflexão da autora, “a cabeça não se coloca acima de outras partes do corpo” (OLIVEIRA, 2020), dialogou com as práticas realizadas ao longo do projeto. Isso não significou silenciar contradições: o estudo da cultura também abriu espaço para identificar estereótipos e questionar discursos e práticas discriminatórias.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros ajudaram a articular essas experiências. A ancestralidade esteve presente na investigação de trajetórias e memórias; a oralidade e a circularidade, nas rodas de conversa; a musicalidade e a corporeidade, no contato com ritmos, danças, brincadeiras e expressões artísticas; e a ludicidade e a cooperatividade, nas criações e decisões coletivas. Assim, esses valores orientaram formas de aprender e conviver, enquanto a mediação pelo encantamento apareceu na escolha dos repertórios, no cuidado com a escuta e na aproximação entre beleza, memória e reflexão crítica.

A leitura de Simas sobre a festa como reconstrução da coletividade ajuda a compreender que a colaboração atravessou todo o processo pedagógico. Criar uma narrativa exigia escutar, propor, negociar e acolher ideias; organizar uma produção artística demandava compartilhar materiais e reconhecer as contribuições de cada participante. Assim, o Carnaval foi tanto objeto de estudo quanto oportunidade de vivenciar práticas coletivas de criação e aprendizagem.

O território do Caju foi referência central. Ao considerar memórias, experiências e manifestações presentes no cotidiano das crianças, o projeto reconheceu o território como produtor de cultura e conhecimento, e não apenas como cenário da ação educativa. O contato com carnavais de outras regiões ampliou horizontes e estabeleceu relações entre o local e o nacional, a memória vivida e a pesquisa, as histórias individuais e os processos coletivos. Essa articulação se aproxima da perspectiva de Educação Integral da Fundação Gol de Letra, que integra diferentes dimensões humanas e espaços de convivência.

Como culminância, foi produzido coletivamente o livro “Gol de Letrinhas em Ritmo de Carnaval”, reunindo parte das pesquisas, histórias, poemas e demais produções das crianças. A publicação tornou visíveis etapas do processo pedagógico que nem sempre aparecem no produto final: perguntar, pesquisar, conversar, experimentar, escrever, revisar, imaginar e compartilhar. Mais do que encerrar as atividades, o livro reconheceu a autoria das crianças e fez circular suas ideias para além da oficina.

As observações da equipe, articuladas aos registros do Instrumento de Avaliação de Aprendizagens em Letramento, permitem analisar o percurso das crianças para além das impressões cotidianas. O instrumento institucional registra indicadores de leitura e escrita, além

ISSN: 2358-8829

de critérios relacionados à alfabetização, à interpretação e ao uso social da língua escrita. Esses registros permitem acompanhar diferentes níveis e variações de desempenho ao longo do ano, sustentando uma análise mais sistemática das aprendizagens, embora não isolem o efeito específico do projeto em relação a outras experiências escolares, familiares e sociais. As observações pedagógicas também apontaram maior envolvimento em propostas de criação, participação nas discussões, exercício da escuta e fortalecimento da autoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do projeto "Gol de Letrinhas em Ritmo de Carnaval" evidencia o potencial das manifestações culturais presentes na vida das crianças como territórios de aprendizagem. Ao investigar o Carnaval e suas contradições, elas tiveram oportunidades de ler, escrever, conversar, pesquisar, cantar, imaginar e criar. O letramento foi compreendido como prática social e política, capaz de favorecer a interpretação crítica do mundo e a produção de narrativas próprias.

A articulação com a Educação Integral permitiu considerar dimensões intelectuais, sociais, culturais, corporais e afetivas da aprendizagem. Os princípios de aprender, conviver e multiplicar ganharam expressão nas rodas de conversa, na escuta, na criação coletiva e na partilha pública das produções. Os valores civilizatórios afro-brasileiros orientaram relações e linguagens, enquanto a perspectiva do encantamento sustentou uma mediação estética, afetiva, ancestral e política.

A reflexão de Simas sobre a festa como reconstrução da coletividade ajuda a compreender que o Carnaval possibilitou aprender sobre uma manifestação cultural e, ao mesmo tempo, experimentar a construção conjunta. A elaboração do livro reuniu contribuições individuais em uma produção comum, tornando visíveis os processos de pesquisa, criação e escrita e reconhecendo as crianças como autoras e produtoras de cultura.

O instrumento institucional de avaliação de leitura e escrita fortalece a possibilidade de acompanhar as aprendizagens, pois registra habilidades de leitura, escrita, interpretação e diferentes níveis de desenvolvimento do letramento. Em diálogo com esses dados, os registros pedagógicos permitem observar processos que os indicadores, isoladamente, não expressam, como participação, autoria, escuta e envolvimento nas criações, além da promoção da autoestima e da valorização e do fortalecimento das identidades. Embora não seja possível atribuir exclusivamente ao projeto eventuais mudanças nos resultados, a combinação dessas fontes oferece subsídios para refletir sobre os percursos de aprendizagem e reorientar o planejamento. A experiência reforça a importância de práticas que articulem literatura,

ISSN: 2358-8829

representatividade, leitura crítica e educação antirracista, reconhecendo as crianças como sujeitos de saberes, memórias e perguntas.

AGRADECIMENTOS

Às crianças/autoras/foliãs participantes do programa Dois Toques, cujas histórias, curiosidades, criações e formas de viver o território tornaram possível esta experiência.

REFERÊNCIAS

DELORS, Jacques (org.). Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FUNDAÇÃO GOL DE LETRA. Programa Dois Toques – Caju Esporte e Educação: material institucional. São Paulo: Fundação Gol de Letra, 2026. Disponível em: < https://goldeletra.org.br/projeto/programa-dois-toques/>. Acesso em: 28 set. 2026.

FUNDAÇÃO GOL DE LETRA. Caderno Metodológico: Educação Integral – Esporte em Jogo. São Paulo: Fundação Gol de Letra, 2023.

GADOTTI, Moacir. Educação integral no Brasil: inovações em processo. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. Encantamento como tecnologia para a mediação: arte, ancestralidade e infâncias. Texto disponibilizado para estudo. A referência bibliográfica apresentada no material remete a: OLIVEIRA, Kiusam Regina de. Pedagogia da ancestralidade. SESC São Paulo, 18 jul. 2019. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/editorial/pedagogia-da-ancestralidade/. Acesso em: 10 ago. 2026.

OLIVEIRA, Kiusam de. Literatura negro-brasileira do encantamento e as infâncias: reencantando corpos negros. In: FEIRA LITERÁRIA BRASIL – ÁFRICA, 1., 2020, Vitória. Anais eletrônicos [...]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2020. v. 1, n. 3. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/flibav/article/view/29029. Acesso em: 28 out. 2026.

SILVA, Rose. “O tempo do trabalho domestica os corpos. O carnaval é contraponto”, afirma Luiz Antônio Simas. Fundação Perseu Abramo, 12 fev. 2026. Disponível em: https://fpabramo.org.br/luiz-antonio-simas-carnaval/. Acesso em: 28 out. 2026.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil. In: BRASIL. Ministério da Educação. Valores afro-brasileiros na educação. Boletim 22. Brasília, DF: TV Escola/Salto para o Futuro, 2005. p. 30-36.

[1] Graduada em Licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: danielle.silva@goldeletra.org.br.
[2] Graduada em Licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: elisiane.vieira@goldeletra.org.br.